

## DESLER LACAN - O LEITOR AUTOR<sup>1</sup>

Regina Steffen

“Perder-se também é caminho”  
Clarice Lispector

Em trabalho recém-publicado - *Desler Lacan*, Instituto Langage, 2018 (333 páginas) -, Ricardo Goldenberg convida o leitor a fazer um retorno à obra lacaniana, nos moldes daquele que Lacan promoveu sobre a obra de Freud.

Herdeiro do legado lacaniano, cabe ao leitor conquistar esse legado para que ele se torne seu. A inapelável necessidade da conquista, interposta entre a herança e a posse, desvela a espinhosa questão da transmissibilidade da psicanálise.

Lacan está morto. Sua obra não sofrerá mais nenhuma alteração por parte do autor. No entanto, a obra não está morta; ela não é letra morta. O que significa conquistar essa herança para torná-la sua? É, justamente, desse envolvimento subjetivo exigido do leitor no caminho da conquista da obra (de Lacan, no caso), que o livro de Goldenberg trata de maneira precisa, cirúrgica, minuciosa e, surpreendentemente, pop.

A apresentação gráfica é inédita, propiciando ao leitor “escutar” o autor. Estamos aqui diante de um exemplar ímpar do ponto de entrecruzamento da clínica (escuta) e da teoria (leitura), nó por onde passa a transmissão da psicanálise e que não pode ser negligenciado, uma vez que desse profundo entrelaçamento teórico-clínico depende a formação do analista. A edição gráfica deste livro é de modo a colocar o leitor frente ao escrito, possibilitando, ao mesmo tempo, uma espécie de escuta. Esse feito é obtido pelo uso de letras de tipos variados, grifos, caixas em cores diferentes, e uma série de recursos inéditos como o uso de código QR que remete a aulas do autor na internet, ou a leituras de trechos de outros autores apenas citados no corpo do livro. Com esses dispositivos, o projeto gráfico do livro inclui considerável dose de surpresa na leitura, surpresa que constitui fator imprescindível na clínica da psicanálise, como também em seu fazer teórico. Tais artifícios gráficos possibilitam o ressoar das palavras, mais do que a mera compreensão do texto. “É unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe”, afirma Lacan (2005, p.17). Essa afirmativa implica que uma interpretação, ainda que seja apenas teórica, depende do eco de uma escuta. A voz do autor precisa ser “ouvida” e o leitor que legitimamente interpreta, participa do processo com a caixa de ressonância de sua subjetividade. Ainda que fosse apenas por seus inusitados recursos gráficos, esta publicação já mereceria louvável destaque.

---

<sup>1</sup> Resenha do livro de Ricardo Goldenberg “*Desler Lacan*”, publicada primeiramente na Revista Modernos e Contemporâneos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Unicamp em outubro de 2019 em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos/issue/view/231>

No entanto, sua proposta vai muito além do modo pelo qual ela se apresenta graficamente. De cara, o título coloca uma pedra na qual o leitor já sai tropeçando: *desler*, neologismo *deslido* em Harold Bloom que, com seu *misreading*, introduz no universo poético a complexa questão da relação do autor com seus antecessores. Embora o termo inglês signifique “interpretar mal”, “ler errado”, a *desleitura* defendida por Goldenberg, obviamente, não propõe uma leitura errada da obra lacaniana, nem tampouco sugere que determinados conceitos encontrados em Lacan sejam fruto de um equívoco de leitura da obra de Freud.

O erro e o equívoco que o termo *desler* veicula nesta obra, são para serem tomados na precisa dimensão que eles têm na psicanálise. É através do erro, da falha, que o inconsciente acerta o alvo com precisão, revelando que errar, mais do que enganar-se, significa andar à deriva, sem saber para onde se está indo, seguindo um mapa que o próprio sujeito desconhece, mas que o conduz para o lugar certo.

Erro, falha, equívoco, rebotalhos da consciência a partir dos quais Freud mapeia o inconsciente como a *outra cena* de onde o desejo comanda, soberano, o destino do Homem. Propulsora do desejo, a falha é o próprio desejo.

Quando Freud toma a falha como motor e não como falta a ser corrigida, obturada, ele está *deslendo* o sentido convencional do termo; ele está pensando um pouco de trás e produzindo a teoria ao modo da prática clínica, cuja regra fundamental postula a associação livre por parte do paciente e a atenção flutuante da parte do analista. Ao analisante cabe falar sem compromisso com o encadeamento, sem preocupação com a manutenção do sentido. A escuta do analista, por sua vez, deve flutuar pelos sentidos possíveis, errando pelos equívocos capazes de revelar o dizer por trás do dito.

*Desler Lacan* repete o apelo do próprio Lacan a seus seguidores: “façam como eu, não me imitem”. A leitura que imita o antecessor, mortifica o texto, tornando-se repetição estéril. É daí que nasce o *lacanês*, tão inútil quanto inoperante para a transmissão da psicanálise. Já, a *desleitura* à qual Goldenberg se refere convoca um leitor/autor, aquele que no percurso da leitura vai desenhando o estilo que o constitui, como as mãos de Escher que desenharam a si mesmas ao se desenharem.

*Desler Lacan*, nesta perspectiva, convida à heresia, não por considerar sagrada a obra lacaniana, mas pela homofonia que o termo guarda com os três registros que amarram a subjetividade. Levar em conta a homofonia, significa não desconsiderar nem ignorar aquilo que ressoa e que, ressoando, revela a articulação significante cujo efeito é o sujeito.

Para o termo “heresia” soar como RSI (real, simbólico e imaginário), sua significação na língua precisa ser equivocada, ou seja, *deslida*. É como leitura herética que a *desleitura* institui o sujeito no mesmo ato que dessacraliza a obra.

A transmissão da psicanálise se assenta na exigência dupla de que o ensino alcance a subjetividade tanto quanto a análise pessoal faça advir o analista. O leitor/autor é fruto da ressubjetivação que o término da análise deve produzir.

A *desleitura* se sustenta no fato de não haver metalinguagem, ou seja, apoia-se no fato de não existir “A Leitura Verdadeira”, do mesmo modo que não existe interpretação

errada em relação a uma única, que seria a certa. Em psicanálise, tudo que se aplica à clínica, aplica-se igualmente ao ensino.

O fato de não haver uma leitura mais certa que outra, não autoriza, todavia, qualquer leitura. Uma vez mais: *desler* não é simplesmente ler errado. Quando, então, se pode afirmar que saímos fora do campo da psicanálise, ou ao contrário, que o ampliamos de modo produtivo? Quando uma leitura colabora para o avanço da teoria em vez de descaracterizá-la? Para responder à esta questão é preciso definir os invariantes do campo analítico. Quais seriam eles? Questão aparentemente difícil e quase paradoxal com relação à proposta da *desleitura*. No entanto, é certo que os termos incorporados ao conjunto conceitual como operadores da teoria, resultantes da *desleitura* desses mesmos termos em outras áreas do conhecimento, não podem invalidar o legado teórico-clínico do qual o leitor se apropria como leitor/autor. Tampouco podem ser utilizados no novo contexto, como o são, na teoria de origem. Um exemplo muito frequente disso ocorre com o termo “significante”, arregimentado por Lacan numa *desleitura* da linguística saussuriana. Ali, o significante é parte integrante e inseparável do signo linguístico. Sua relação com o significado é consistente e estável, fato do qual depende a comunicação e o entendimento daquilo que é dito. O uso que Lacan fará do termo “significante” não será mais o mesmo que ele tem na linguística, o que não quer dizer que Lacan empregou esse termo de um modo qualquer, impróprio, dando-lhe o sentido que bem quis. Lacan *desleu* Saussure, ao identificar no inconsciente freudiano, habitáculo do sujeito, puras articulações significantes, ou seja, um reino onde o signo linguístico desaparece, dele restando apenas significantes articulados. Significante que Saussure define como “imagem acústica” e que em Freud vem expresso como “restos de coisas vistas e ouvidas”, elementos que constituem a fantasia inconsciente, paradigma de todas as articulações significantes. A própria noção de trauma, preservando o aspecto não factual que a psicanálise lhe atribui, traduz o recalque primitivo, fundador do inconsciente, como a falta inaugurada pelo desaparecimento de um significante, ponto a partir do qual a própria definição de significante se transforma: um significante é o que representa o sujeito para outro significante. Isso não é mais linguística. É psicanálise, psicanálise viva e renovada. O significante *deslido* da linguística não constitui um erro. Ao transitar para a psicanálise ele se torna outro, ainda que permaneça o mesmo, e mesmo assim, não pode mais ser o significante de Saussure. Empregá-lo na psicanálise como se estivéssemos na linguística, seria cometer erro crasso. Isso se aplica a toda a gama de termos e empréstimos que Lacan *desleu* de diferentes campos do saber. Suas leituras de Descartes, de Hegel, da topologia, da matemática, não estão erradas. Elas são *desleituras* que extraem algo da essência desses diferentes campos e que se prova útil à leitura da psicanálise. O uso desses autores, desses termos, preserva algo que muitas vezes tinha valor periférico, ou ignorado no texto de origem, mas que vem em primeiro plano no novo uso. Um invariante permanece nessa transmutação. Invariável no campo de origem, a preservar invariável o campo de destino, e tudo isso de maneira inédita.

A questão sobre os invariantes da psicanálise é uma das muitas portas que o texto de Goldenberg nos abre e nos convida a entrar. Há muitas outras ainda nesta obra. Qual será a sua *desleitura*, leitor?

Já no final da vida, em Caracas (1980), Lacan afirma à plateia: “Eu sou freudiano, vocês, se quiserem, sejam lacanianos”. Esta é sem dúvida a declaração de um leitor/autor, um leitor que é freudiano, pois apropriou-se do legado de Freud, deslendo sua obra ao ponto de vivificá-la, impedindo que ela se tornasse letra morta. A nós,

herdeiros da obra lacaniana, ele convida: “se quiserem, sejam lacanianos”, ou seja: se quiserem, m’(h)erdem. Como cada um de nós responde ao ressoar ambíguo deste convite? De que lado do equívoco você, leitor, se aloja? Boa *desleitura*!

Campinas, abril/2019.

Referência Bibliográfica:

Lacan, Jaques. 2005, *Le Séminaire livre XXIII – Le sinthome*. Seuil.